



Criação, Shabbath e identidade divina: uma análise intertextual de João 5,16-18 à luz de Gênesis 2,1-3

Creation, Shabbath, and divine identity:
an intertextual analysis of John 5,16-18
in light of Genesis 2,1-3

*Diego R. Moraes Albuquerque**

*Eduardo Rueda Neto***

*Vamberto Marinho de Arruda Junior****

Recebido em: 13/11/2025. Aceito em: 10/01/2026.

Resumo: O artigo analisa intertextualmente João 5, 16-18 à luz de Gênesis 2, 1-3, investigando como o evangelista fundamenta a identidade de Jesus nas tradições criacionais e sabáticas do Antigo Testamento. A pesquisa procura identificar alusões veterotestamentárias, articulando aspectos históricos, linguísticos e teológicos para examinar a progressão da narrativa e a significação dos termos-chave nela empregados. A análise revela que os vocábulos ἔργα e ποιῶν estabelecem paralelos com a linguagem da criação, sugerindo uma alusão deliberada à obra criadora de Deus e ao mandamento sabático. Conclui-se que a controvérsia sobre o Shabbath em João 5 transcende a simples questão haláquica, pois revela a autocompreensão de Jesus como participante da atividade criadora e redentora de Deus. Essa relação intrabíblica evidencia, de forma contundente, a unidade das Escrituras e a elevada cristologia do quarto evangelho.

Palavras-chave: intertextualidade bíblica; evangelho de João; criação; sábado; cristologia.

* Mestrando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC). Pós-graduado em Filosofia da Religião pela Faculdade Dom Alberto. Pastor distrital em Aracaju, Sergipe (Igreja Adventista do Sétimo Dia).

E-mail: diego_m_albuquerque@hotmail.com.

** Doutor em Teologia, com pós-doutorado na mesma área, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor de Teologia no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-EC).

E-mail: eduardo.rueda.neto@gmail.com.

*** Doutorando e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista CAPES.

E-mail: prvambertojr@gmail.com.





Abstract: *The article analyzes John 5,16-18 intertextually in light of Genesis 2,1-3, investigating how the evangelist grounds the identity of Jesus in the creational and sabbatical traditions of the Old Testament. The study seeks to identify Old Testament allusions by articulating historical, linguistic, and theological aspects in order to examine the narrative progression and the meaning of its key terms. The analysis reveals that the terms ἔργα and ποιέω establish parallels with the language of creation, suggesting a deliberate allusion to God's creative work and to the Sabbath commandment. It concludes that the controversy over the Shabbath in John 5 transcends a mere halakhic issue, as it reveals Jesus' self-understanding as a participant in God's creative and redemptive activity. This intrabiblical relationship strongly demonstrates the unity of Scripture and the high Christology of the Fourth Gospel.*

Keywords: *biblical intertextuality; gospel of John; creation; sabbath; christology.*

Introdução

A análise de qualquer texto pressupõe a consideração de seus elementos constitutivos, bem como a compreensão de que ele se constrói em diálogo contínuo com outros textos¹. Conforme observa Lotman (1996), toda comunicação textual envolve múltiplas relações entre emissor, receptor e contexto sociocultural, perspectiva reforçada por Kristeva (1974, p. 64) ao afirmar que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Esse caráter relacional e dialógico² da linguagem é comumente denominado intertextualidade, compreendida como a produção de sentido a partir da interação entre textos (Koch *et al.*, 2012).

Uma vez consolidado o conceito, a intertextualidade passou a ser amplamente empregada como abordagem metodológica em estudos linguísticos e literários, aplicada à identificação de elementos de textos anteriores em novos textos (Koch; Elias, 2008), sendo posteriormente incorporada também aos estudos bíblicos, sobretudo nos campos da hermenêutica e da exegese (Coelho, 2011). Todavia, determinadas pressuposições da teoria intertextual, especialmente em suas formulações pós-estruturalistas, têm sido objeto de críticas por relativizarem

¹ A concepção de texto aqui se estende além do significado de um tipo de comunicação escrita. Segue-se, portanto, a ideia de que texto é aquilo que é produzido pela mente e comunica uma mensagem, gera informações e preserva a memória, conforme apontado por Lotman (1996). Para uma síntese do pensamento de Lotman, ver Dorneles (2018).

² O termo ecoa a teoria de Bakhtin (1992), que expôs a ideia de que os textos (isto é, as diversas expressões do pensamento) se relacionam entre si por meio de diálogos, os quais têm a capacidade de produzir novos textos. Bakhtin lançou as bases para o pensamento de Kristeva.



o sentido original do texto e deslocarem a centralidade autoral para o leitor, abrindo espaço para leituras arbitrárias (Cole, 2014; Rueda Neto, 2024). Em resposta a essas objeções, alguns estudiosos propõem o uso de categorias como “exegese intrabíblica” ou “alusão intrabíblica”, de modo a preservar o respeito ao contexto histórico e ao sentido pretendido pelo autor bíblico (Correa, 2006; Beale, 2013). Outras expressões como “intertextualidade canônica” (Scheetz, 2012) e “hermenêutica intrabíblica” também têm sido usadas para se referir à inter-relação de textos no cânon (Davidson, 2025).

Para além da nomenclatura utilizada, é amplamente reconhecido que os textos bíblicos mantêm entre si uma complexa rede de conexões internas, especialmente entre Antigo e Novo Testamento (Oropeza; Moyise, 2016). Nesse sentido, a intertextualidade, entendida de forma crítica e metodologicamente controlada, constitui uma ferramenta útil para a análise da Bíblia. Como destaca Kaiser Jr. (1985), um dos temas centrais da pesquisa bíblica contemporânea é o fato de o Novo Testamento estar profundamente permeado por referências — diretas e indiretas — ao Antigo Testamento, fato que torna a leitura interbíblica fundamental para a compreensão da unidade orgânica das Escrituras (Diop, 2007).

À luz desse panorama, o presente artigo propõe uma análise intertextual de João 5,16-18, considerando suas possíveis conexões com Gênesis 2,1-3. Para isso, vale-se dos critérios propostos por Beale (2013) para a identificação do uso do Antigo Testamento no Novo, aliados à chamada tríade hermenêutica — contexto histórico, literário e teológico —, conforme delineada por Köstenberger e Patterson (2015). Trata-se, portanto, de um estudo teórico-bibliográfico, de natureza qualitativa (Lakatos; Marconi, 2000; Creswell, 2007), com vistas a explorar a mensagem teológica subjacente ao texto em foco.

1 Aprofundando a discussão: aspectos específicos da intertextualidade bíblica³

A intertextualidade pode manifestar-se sob diferentes formas e graus de complexidade. Oliveira (2010) propõe uma distinção inicial

³ Como já se evidenciou, as questões que envolvem os estudos intertextuais são complexas, e não se pretende, neste trabalho, explorar todos os elementos que compõem a abordagem. Por essa razão, apresentam-se apenas alguns aspectos considerados relevantes para a análise do texto bíblico em questão.



entre dois tipos fundamentais: a intertextualidade interna e a externa. A primeira ocorre quando a relação se dá entre textos pertencentes a um mesmo campo discursivo, como no caso dos escritos bíblicos que se referem uns aos outros. Já a intertextualidade externa envolve a interação entre textos oriundos de esferas distintas do saber ou da cultura, como, por exemplo, a apropriação de elementos extrabíblicos na composição dos textos sagrados.

Complementando essa tipologia, Koch e Elias (2008) sugerem que a intertextualidade também pode ser classificada em explícita ou implícita. A forma explícita caracteriza-se por citações e referências facilmente identificáveis, geralmente sinalizadas por fórmulas introdutórias. Por sua vez, a intertextualidade implícita manifesta-se por meio de alusões, paráfrases, paródias ou mesmo ironias, sem a indicação direta da fonte original, exigindo, assim, maior discernimento do leitor ou intérprete.

No campo específico dos estudos bíblicos, Moyise (2015) destaca a importância de distinguir cuidadosamente entre citações, alusões e ecos — três categorias fundamentais para a análise do uso do Antigo Testamento no Novo. Beale (2013, p. 53 e 55), por sua vez, define citação como uma “reprodução direta de uma passagem do AT facilmente identificável por seu paralelismo vocabular claro e bem característico”. Já a alusão consiste em uma “expressão breve deliberadamente pretendida pelo autor para ser dependente de uma passagem do AT”. A citação, portanto, representa uma referência direta e precisa; a alusão, uma referência indireta e condensada.

Além dessas, há ainda os ecos, cuja natureza é mais sutil e menos intencional. Conforme ressalta Moyise (2015), os ecos podem não decorrer de uma consciência deliberada do autor, mas refletir o pano de fundo teológico, cultural e religioso compartilhado por ele e sua audiência⁴. Mesmo assim, tanto as alusões quanto os ecos são elementos relevantes para o estudo exegético e teológico das Escrituras (Kaiser Jr., 1985).

No que diz respeito à forma como citações veterotestamentárias aparecem no Novo Testamento, é possível observar tanto reproduções literais quanto formas ligeiramente diferentes do texto original⁵. Kaiser

⁴ Os ecos, nesse sentido, podem ser compreendidos como, nos termos de Lotman (1996), textos da semiosfera dos escritores bíblicos.

⁵ Davidson (2025, p. 230) apresenta quatro razões para isso: 1) os escritores do Novo Testamento tiveram de traduzir suas citações do hebraico para o grego, usar a Septuaginta ou ambas; 2) é bem provável que eles citassem de memória, sem observar



Jr. (1985) observa que, em diversos casos, os autores neotestamentários reformulam passagens do Antigo Testamento. Essas modificações, contudo, não visam simplesmente legitimar posições doutrinárias já consolidadas, mas cumprem funções argumentativas, tais como ilustrar conceitos, afirmar verdades universais ou recorrer à linguagem sagrada de maneira mais acessível e significativa para os leitores/ouvintes.

Para que uma análise intertextual seja conduzida com rigor, é necessário observar critérios específicos, que variam conforme a metodologia adotada. Leite e Souza (2023) indicam que tais critérios envolvem a identificação de paralelos linguísticos, estruturais e temáticos. Paulien (2014; 1987), como precursor dessa compreensão, reforça esse ponto ao propor que a verificação de elementos comuns entre textos deve se basear em evidências internas concretas. Davidson (2025), por sua vez, chama atenção para a relevância de categorias teológicas, como termos-chave, temas centrais, estruturas tipológicas e o cumprimento de predições ou promessas. Quanto maior o número de correspondências e paralelismos entre os textos, maior a probabilidade de uma relação intertextual intencional e teologicamente significativa.

No que tange ao procedimento metodológico, Beale (2013, p. 68-69) propõe uma série de etapas para a análise do uso do Antigo Testamento no Novo. Entre elas, destacam-se: identificar a referência veterotestamentária (seja citação ou alusão); analisar o contexto imediato e geral do Novo Testamento em que essa referência ocorre; examinar o contexto imediato e geral do Antigo Testamento relacionado à passagem citada ou aludida; avaliar o uso interpretativo que o autor do Novo Testamento faz da referência ao Antigo; analisar o uso teológico dessa referência; e considerar o uso textual que o autor faz da passagem, incluindo possíveis adaptações ou reelaborações.

Neste artigo, essas etapas propostas por Beale (2013) serão consideradas de forma seletiva e adaptada, conforme a relevância de cada uma para os objetivos da pesquisa. Isso significa que, embora o modelo completo contemple passos detalhados, a análise se concentrará naqueles que oferecem maior contribuição para a identificação e interpretação das possíveis conexões entre João 5,16-18 e o Antigo Testamento, especialmente o livro de Gênesis. Em particular, serão privilegiadas as etapas relacionadas à identificação da alusão, à análise dos contextos

as regras de precisão verbal; 3) podem ter recorrido a paráfrases; e/ou 4) meramente aludiam a passagens do Antigo Testamento, sem a intenção de citá-las textualmente.



imediatos e amplos dos textos envolvidos e à avaliação do uso teológico que o evangelista faz das referências veterotestamentárias. Essa escolha metodológica visa garantir a profundidade exegética e teológica do estudo, sem perder de vista a coerência interna da narrativa joanina e o escopo delimitado da pesquisa.

2 Análise intertextual de João 5,16-18

Como mencionado na introdução, a análise proposta neste artigo adota uma abordagem intertextual integrada não somente aos critérios delineados por Beale (2013) na identificação do uso do Antigo Testamento no Novo, mas também aos pilares fundamentais da tríade hermenêutica, que examina os antecedentes históricos e o contexto literário para focar o conteúdo teológico (Köstenberger; Patterson, 2015). A análise textual e intertextual, neste caso, é parte do aspecto literário e contribuirá para as conclusões teológicas ao final.

2.1 Contexto histórico e literário

O capítulo 5 do evangelho de João insere-se no conjunto narrativo que registra sinais e discursos reveladores da identidade de Jesus⁶. No início do capítulo, o evangelista narra o encontro entre Jesus e um homem enfermo à beira do tanque de Betesda. A cura ocorre mediante a palavra de Jesus, sem o uso de meios físicos, em um ato de compaixão e autoridade divina. A ordem subsequente dada ao homem para que carregasse o seu leito — e justamente em um Shabbath/sábado (v. 6-9) — provoca a imediata reação de censura por parte das autoridades religiosas (v. 10-15).

A narrativa evidencia um dos eixos centrais do evangelho joanino: o confronto crescente entre Jesus e os judeus, que não reconhecem sua identidade e missão. Esse padrão de oposição se intensifica à medida que os sinais realizados por Jesus despertam tanto admiração quanto resistência, conforme observa Marshall (2007)⁷.

⁶ Kaiser Jr. (2009) mostra que os evangelhos englobam diversos elementos-chave do gênero narrativo, como cena, ponto de vista, diálogo, recurso retórico e níveis estruturais.

⁷ A ocasião da festa judaica (v. 1), os personagens judeus e a controvérsia em torno de um dos elementos mais importantes da religião judaica — o Shabbath — refletem esse tema teológico tão destacado no evangelho de João (Carson, 2007; Paulien, 2023).



Em termos de estrutura literária, a perícope de João 5,16-18 apresenta a conclusão parcial da cena iniciada em João 5,1-15. No plano macroestrutural, integra o conjunto dos sete sinais registrados por João com o propósito de revelar a natureza divina e messiânica de Jesus (Dodd, 2003; Thielman, 2007). Já no plano microestrutural, essa seção funciona como comentário narrativo do evangelista, oferecendo explicações sobre os motivos da perseguição a Jesus por parte dos judeus (Klink III, 2016)⁸.

Essa breve perícope é teologicamente densa, pois, de acordo com Paulien (2023), concentra elementos cruciais para a compreensão tanto da identidade de Jesus como Filho de Deus quanto da significação do Shabbath no evangelho de João. A tensão crescente instaurada nessa narrativa irá se desdobrar ao longo do capítulo, culminando em declarações ainda mais profundas sobre a relação de Jesus com o Pai, sua autoridade divina e sua missão redentora.

2.2 Análise textual⁹

A perícope de João 5,16-18 pode ser compreendida, conforme observa Burge (2000), como um comentário editorial do evangelista, cuja função é explicar a natureza da oposição enfrentada por Jesus — oposição esta motivada, em primeira instância, pela controvérsia em torno do Shabbath. O texto apresenta, de maneira coesa, uma construção narrativa e linguística que evidencia a progressão do conflito. Elementos como a locução prepositiva διὰ τοῦτο (v.16), os verbos no imperfeito indicativo ativo — ἐδίωκον, ἐζήτουν, ἐποίει, ἔλυνεν, ἔλεγεν — bem como

⁸ Klink III (2016) descreve a microestrutura do capítulo da seguinte forma: 1) os v. 1-5 são a introdução; 2) os v. 6-10 descrevem como o milagre resultou em um conflito; 3) os v. 11-15 mostram como o conflito é ampliado e atinge Jesus; e 4) os v. 16-18 servem como conclusão/interpretação, descrevendo sinteticamente os motivos da perseguição dos judeus a Jesus.

⁹ No aparato crítico de Aland *et al.* (2012) há indicações de manuscritos que possuem alterações na ordem das palavras no versículo 16 e a adição do verbo ἀποκτείνειν como antecipação da atitude dos judeus, como é descrito no versículo 18. Embora essas nuances sejam identificadas, o sentido do texto permanece o mesmo. Por sua vez, Omanson (2010, p. 175) faz uma breve observação sobre alguns manuscritos terem a adição do substantivo Ἰησοῦς como sujeito de ἀπεκρίνατο, mas ressalta que a palavra é omitida em manuscritos do tipo de texto alexandrino. Descarta as leituras com κύριος por não terem chance de originalidade e reconhece que “para efeitos de tradução não faz diferença se o nome “Jesus” é original ou não, pois o significado é o mesmo”. Por essa razão, apesar de reconhecer a importância da crítica textual, esta análise não aborda em detalhes as variantes textuais da perícope, pois não foram encontradas variantes que alterassem o sentido do texto.



o advérbio μᾶλλον (v.18) e a conjunção explicativa ὅτι (v.18), apontam para uma continuidade argumentativa que conecta os versículos e reforça a intensificação da oposição contra Jesus. O uso repetido do imperfeito caracteriza as ações como habituais e prolongadas, refletindo a hostilidade crescente das autoridades.

A narrativa revela que a hostilidade contra Jesus tem origem em sua postura diante das tradições sabáticas defendidas pelas autoridades religiosas. Como nota Ladd (2003), ao ordenar ao homem curado que carregasse seu leito no sábado, Jesus desafia diretamente os pressupostos teológicos e haláquicos¹⁰ dos líderes judaicos. Tal ação era interpretada como violação do descanso sabático, de acordo com a tradição rabínica vigente — tradição esta que, à época, possuía *status* normativo equiparado ao da própria Torá (Jewwet, 1971; Goppelt, 2002). Assim, conforme destaca Bruce (1987), a perseguição a Jesus decorre diretamente de sua atitude subversiva em relação às normas sabáticas institucionalizadas.

A resposta de Jesus, registrada no versículo 17, possui implicações não apenas teológicas, mas também jurídicas. Como observa Bacchiocchi (1977), trata-se de uma declaração com valor tanto de defesa quanto de confissão¹¹. Ao afirmar: ὁ πατήρ μου ἕως ἄρτι ἐργάζεται καὶ γὰρ ἐργάζομαι¹², Jesus se identifica de forma explícita com o Pai e com a atividade divina. O uso do verbo ἐργάζομαι (traduzido como “trabalho”), no presente indicativo médio-passivo (a forma koiné para um sentido ativo reflexivo), tanto em referência a Deus quanto a si mesmo, estabelece um paralelo intencional e profundo, sinalizando continuidade de ação e unidade de propósito. O tempo presente reforça a ideia de uma atividade contínua e legítima, mesmo no Shabbath.

Essa autodeclaração não apenas justifica a ação de Jesus, mas também intensifica o escândalo teológico entre os seus opositores, como bem observa Klink III (2016). A acusação que se segue no versículo 18 é mais

¹⁰ O termo haláquico deriva de halakhá (em hebraico, “caminho” ou “modo de andar”), designando o conjunto de normas jurídicas e práticas que regem a vida religiosa judaica. Essas leis, baseadas na Torá escrita e na tradição rabínica oral, definem a conduta adequada em aspectos morais, rituais e civis do judaísmo.

¹¹ É importante lembrar que a resposta de Jesus é uma reação a uma acusação implícita por parte de seus adversários. Isso ocorre porque o evangelho não informa em que momento eles o acusaram. Apesar disso, se Jesus respondeu, é porque, em algum momento, foi acusado.

¹² Traduzido pela versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) como: “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também.”



severa do que a inicial: além de “quebrar” o Shabbath — expresso pelo verbo ἔλυν (imperfeito indicativo ativo, ação contínua) — Jesus é agora acusado de blasfêmia por “dizer que Deus era seu próprio Pai” (πατέρα ἰδίου ἔλεγεν, imperfeito indicativo ativo), fazendo-se, assim, igual a Deus (ἴσον ἑαυτὸν ποιῶν τῷ θεῷ). Como sublinha Paulien (2023), essa identificação de Jesus com o Pai constitui o núcleo temático da perícope e será desenvolvida de forma mais ampla nos versículos subsequentes (v. 19-26).

Sabe-se que, no contexto do judaísmo do primeiro século, havia consenso de que Deus continuava a agir no mundo mesmo no sábado — especialmente em atividades como sustentar a criação, conceder vida ou executar juízo (Keener, 2014). No entanto, a aplicação de Jesus dessa prerrogativa divina a si mesmo ultrapassa os limites da tradição. Ao declarar que também “trabalha” no sábado, ele reivindica para si os mesmos direitos e autoridade reservados exclusivamente a Deus, transpondo as fronteiras entre o humano e o divino (Blomberg, 2018; Paulien, 2001). Essa reivindicação de prerrogativas divinas é o que torna a declaração particularmente ofensiva aos olhos de seus interlocutores.

Brown (2008, p. 213) confirma essa ideia ao comentar que João 5,16-18 funciona como uma introdução programática ao discurso subsequente, na medida em que a declaração lapidar de Jesus em 5,17 fornece o eixo temático que será desenvolvido a seguir. Segundo o autor, embora a acusação inicial esteja relacionada à suposta violação do Shabbath, a reação violenta das autoridades revela que o verdadeiro escândalo reside na reivindicação implícita de uma prerrogativa divina. Assim, a controvérsia sabática não constitui o núcleo do conflito, mas o meio narrativo pelo qual o evangelista introduz uma afirmação decisiva sobre a identidade de Jesus e sua relação única com Deus, deslocando o debate de uma questão haláquica para o campo propriamente cristológico. Vale ressaltar que esse foco cristológico permeia cada seção do evangelho joanino, indicando a intenção primária do autor.

Dessa forma, a narrativa evidencia que a raiz do conflito entre Jesus e as autoridades religiosas não reside unicamente na transgressão de normas sabáticas (conforme concebidas pelas autoridades da época), mas em sua autocompreensão e em sua relação única com Deus. Como explica Klink III (2016), é essa postura — e não apenas sua conduta — que representa uma ameaça à ordem religiosa vigente. O versículo 18, por meio de conectores como ὅτι, ou μόνον... ἀλλὰ καὶ, além da expansão teológica iniciada no versículo 19, confirma essa interpretação.



2.3 Análise intertextual¹³

O uso do Antigo Testamento no evangelho de João não se dá apenas por meio de citações formais, mas sobretudo por alusões e associações temáticas que revelam uma integração profunda entre os textos. Em vez de adotar uma abordagem didática, como nos evangelhos sinóticos, João estrutura sua teologia cristológica a partir de uma interlocução simbólica e narrativa com as Escrituras hebraicas. Beale e Carson (2014, p. 521) observam que o evangelho de João “faz uso de citações textuais, de alusões verificáveis e de conexões temáticas”. Essa estratégia revela a forma como o Antigo Testamento é incorporado aos principais temas teológicos do evangelho, especialmente os relacionados à identidade e à missão de Jesus. Moyise (2001) complementa essa análise ao destacar que, diferentemente dos evangelhos sinóticos — que enfatizam os ensinamentos de Jesus à luz das Escrituras hebraicas —, o evangelho de João se vale do Antigo Testamento sobretudo para iluminar os feitos de Jesus. Ainda segundo Moyise, grande parte do conteúdo joanino é marcado não tanto por citações diretas, mas por alusões intertextuais densas e frequentes.

À luz dessa compreensão, é possível reconhecer, em João 5,17, uma alusão deliberada ao texto de Gênesis 2,1-3¹⁴ (Klink III, 2016). O vínculo se estabelece, em parte, por meio da linguagem utilizada: o verbo ἐργάζομαι, empregado por Jesus para descrever sua própria ação e a de Deus, remete à raiz verbal presente em Gênesis 2,2-3. Além disso, o substantivo ἔργα, termo grego para “obras” (ἔργον, no singular), corresponde ao hebraico מְלָאכָה,¹⁵ utilizado no relato da criação e frequentemente traduzido da mesma forma. Ambos os termos aparecem não apenas em Gênesis, mas também em Êxodo 20,9-11, no contexto do mandamento sabático, reforçando o entrelaçamento temático entre criação e sábado.

¹³ Não é o intuito deste breve estudo explorar todos os elementos intertextuais da perícopre. Não se examina, por exemplo, a relação intertextual com Números 15,32; 16,28; Neemias 13,19; Jeremias 17,21-27 e, possivelmente, com o Salmo 89,26 (88,27, LXX). Beale e Carson (2014) demonstram quantas conexões existem nessa perícopre com diversas partes do Antigo Testamento.

¹⁴ Vale lembrar, porém, que a fala de Jesus destoa, em certo sentido, do que está escrito estritamente nas Escrituras. Afinal, Gênesis 2,1-3 informa que, no sétimo dia, Deus descansou de sua obra, ou seja, cessou a obra da criação. Jesus, entretanto, afirma que Deus ainda está trabalhando. A alusão, portanto, é contrastante, mas endossa a identificação de Jesus com Deus.

¹⁵ Hamilton (1990) destaca que מְלָאכָה significa um trabalho qualificado, de artesão, e, por isso, difere de עֲבָדָה, que é um trabalho mais bruto e não qualificado.



Essa conexão se aprofunda a partir do versículo 19, quando a resposta de Jesus se expande. O substantivo ἔργα passa a ser explicitamente associado ao verbo ποιέω, que ocorre reiteradamente entre os versículos 19 e 21, e de forma implícita nos versículos seguintes. No evangelho de João, esse verbo adquire relevância teológica fundamental: é por meio de suas obras (ἔργα) que Jesus manifesta sua filiação divina e sua missão messiânica. A construção literária evidencia que as ἔργα de Jesus são, na verdade, as ἔργα do Pai¹⁶. Tal associação entre ποιέω e ἔργα encontra paralelo direto nos textos da Septuaginta, especialmente em Gênesis 2,1-3 e Êxodo 20,9-11, consolidando a ponte intertextual.

É importante lembrar que o verbo grego ποιέω é frequentemente equivalente ao hebraico פָּעַל, traduzido como “fazer” ou “realizar”, e aparece com grande frequência na Septuaginta para descrever os atos criadores de Deus em Gênesis 1 (assim como פָּעַל na Bíblia Hebraica)¹⁷. Nesse sentido, a observação de Moyise (2001) é particularmente pertinente ao destacar que o prólogo de João apresenta uma alusão explícita ao início do Gênesis. Nessa mesma linha, Wright (2023, p. 638) afirma que “João está escrevendo um novo Gênesis”. E complementa: “a história que o prólogo conta é a história em miniatura de todo o evangelho” (p. 652), apontando para uma recriação teológica centrada na figura de Cristo.

Outro aspecto digno de nota é a estreita relação entre o verbo ποιέω e a palavra proferida por Jesus. No evangelho de João, o que Jesus faz e o que Jesus diz são dimensões indissociáveis de sua atuação redentora. Essa integração entre palavra e ação estabelece mais um elo intertextual com Gênesis, narrativa em que a criação ocorre pela Palavra (λόγος) de Deus. Em João, esse λόγος é identificado com o próprio Jesus — o Filho eterno — por meio de quem Deus continua a atuar no mundo (Beale; Carson, 2014). A temática da criação, portanto, atravessa não apenas o prólogo joanino, mas também a perícopes em foco, conferindo-lhe profundidade teológica adicional (Paulien, 2001).

¹⁶ É importante notar a estreita relação entre o Pai e o Filho no evangelho: Jo 1,14.18; 2,16; 3,35; 4,21.23; 5,17-19.20-23.26.36.37.43.45; 6,27.32.37.40.44-46.57.65; 8,18.19.27.28.49.54; 10,15.17.18.25.29.30.32.36-38; 11,41; 12,26-28.49.50; 13,1.3; 14,2.6-13.16.20.21.23.24.26.28.31; 15,1.8-10.15.16.23.24.26; 16,3.10.15.17.23.25-28.32; 17,1.5.11.21.24.25; 18,11; 20,17.21. Para a relação entre a obra de Jesus e a do Pai, ver: Jo 4,34; 5,17.20.36; 6,28.29; 7,3.21; 9,3.4; 10,25.32.33.37.38; 14,10.11; 17,4.

¹⁷ Ver Gênesis 1,7.11.12.16.25.26.31.



Além disso, Bacchiocchi (2000) chama atenção para o fato de que o evangelho de João enfatiza a obra redentora de Cristo como uma continuidade — ou mesmo como uma nova fase — da criação divina¹⁸. Nesse contexto, a salvação operada por Jesus é apresentada como uma nova criação, anunciada no prólogo e desenvolvida ao longo de todo o evangelho (Beale, 2018).

Todos esses elementos convergem de maneira simbólica e teológica na cena de João 5. Um homem enfermo há trinta e oito anos, sem perspectivas de cura, é restaurado pela palavra de Jesus. Essa cura — um ato recriador — ocorre em pleno Shabbath, o dia instituído como memorial da criação. A ação de Jesus, portanto, remete diretamente à atuação divina no princípio, apontando para a obra contínua de Deus que, segundo Boor (2002, p. 77), “trabalha sem cessar, ajudando, sarando e salvando, também no sábado”.

Dessa forma, torna-se evidente que João 5,16-18 está impregnado de ecos teológicos e literários do Gênesis e do próprio prólogo joanino. A identificação de paralelos verbais, temáticos e teológicos confirma a existência de uma intertextualidade implícita e interna, caracterizada principalmente por alusão. Com isso, o evangelista João fundamenta sua cristologia não apenas na tradição judaica, mas na narrativa fundacional da criação, reforçando a identidade divina de Jesus e sua íntima união com o Pai.

Considerações finais

Embora o conceito de intertextualidade tenha emergido originalmente fora do campo dos estudos bíblicos, sua aplicação às Escrituras Sagradas tem se mostrado não apenas possível, mas promissora, respeitadas as devidas definições e delimitações. A natureza composta da Bíblia, escrita ao longo de séculos por diversos autores e em contextos variados, favorece a presença de conexões textuais internas que revelam a contínua reelaboração teológica ao longo da narrativa canônica. Nesse sentido, a intertextualidade se manifesta como uma característica intrínseca da própria construção literária e teológica das Escrituras, refletindo o modo

¹⁸ É importante mencionar que Bacchiocchi (2000) mostra como a teologia do sábado guarda estreita relação com a teologia da salvação. Nessa linha, Jewett (1971) também reconhece que as obras de misericórdia e de cura realizadas por Jesus aos sábados estão alinhadas ao propósito desse dia.



como os autores bíblicos contextualizam e reaplicam tradições anteriores. Essa dinâmica está presente de forma marcante no Novo Testamento e, de maneira especial, no evangelho de João.

A análise intertextual de João 5,16-18 realizada neste artigo teve como objetivo identificar e interpretar possíveis conexões entre essa perícopes joanina e o relato da criação em Gênesis 2,1-3. A investigação demonstrou que os termos ἔργα e ποιέω, associados aos temas da criação, do sábado e da identidade divina, estabelecem paralelos verbais e teológicos significativos entre os dois textos. A alusão ao Gênesis, sutil mas consistente, reforça a compreensão cristológica de Jesus como aquele que atua em plena conformidade com o Pai, inclusive em sua obra de recriação e restauração.

Os resultados confirmam que os discursos registrados no Evangelho de João utilizam estratégias intertextuais não apenas para ilustrar ou ornamentar a narrativa, mas para fundamentar teologicamente a identidade e a missão de Jesus. A intertextualidade, nesse contexto, emerge como ferramenta hermenêutica capaz de lançar luz sobre a articulação entre o Antigo e o Novo Testamento, revelando uma teologia coesa e progressiva.

Estudos futuros poderão aprofundar a análise realizada neste artigo, ampliando o escopo para outras perícopes joaninas e explorando conexões com outros trechos do Antigo Testamento. Desse modo, contribuir-se-á para o contínuo esclarecimento da unidade das Escrituras e da centralidade de Cristo na narrativa bíblica como um todo.

Referências

ALAND, K. *et al.* (ed.). *Novum Testamentum Graece* — Nestle-Aland: The Scholarly Edition of the Greek New Testament. 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

BACCHIOCCHI, S. *From Sabbath to Sunday: a historical investigation of the rise of Sunday observance in early Christianity*. Rome: The Pontifical Gregorian University Press, 1977.

BACCHIOCCHI, S. *The Sabbath in the New Testament: answers to questions*. Berrien Springs: Biblical Perspectives, 2000.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.



BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (org.). *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BEALE, G. K. *Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEALE, G. K. *Teologia Bíblica do Novo Testamento: a continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

BLOMBERG, C. L. *A New Testament Theology*. Texas: Baylor University Press, 2018.

BOOR, W. de. *Evangelho de João I: Comentário Esperança*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

BROWN, R. E. *The Gospel According to John (I–XII): introduction, translation, and notes*. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

BURGE, G. M. *The NIV Application Commentary: from biblical text... to contemporary life*. John. Michigan: Zondervan, 2000.

BRUCE, F. F. *João: introdução e comentário*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1987.

CARSON, D. A. *O Comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

COELHO, L. D.; SILVA, Y. G. da.; VIEIRA, R. C. C. A intertextualidade no processo hermenêutico da Bíblia: uma abordagem inicial. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB, Feira de Santana*, v. 3, n. 2, p. 1-13, 2011.

COLE, H. R. The pros and cons of intertextuality. In: COLE, H. R.; PETERSEN, P. B. (ed.). *Hermeneutics: intertextuality and the contemporary meaning of Scripture*. Adelaide: Avondale Academic Press, 2014. p. 3-15.

CORREA, S. T. Intertextualidad y exégesis intra-bíblica: ¿dos lados de la misma moneda? *DavarLogos*, v. 5, n. 1, p. 1-13, 2006.

CRESWELL, J. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAVIDSON, R. M. Hermenêutica intrabíblica: o uso das Escrituras por escritores bíblicos. In: HASEL, F. M. (org.). *Hermenêutica bíblica: como interpretar as Escrituras e avaliar tendências*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2025. p. 224-251.



DIOP, G. Interpretação interbíbica: lendo as Escrituras intertextualmente. In: REID, G. *Compreendendo as Escrituras: uma abordagem adventista*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007. p. 135-151.

DODD, C. H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

DORNELES, V. Mitologia e reprodução textual: a vida dos textos da cultura no espaço da semiosfera. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, v. 10, n. 19, p. 111-126, 2018.

GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Teológica, 2002.

HAMILTON, V. P. *The Book of Genesis: Chapters 1-17*. (New International Commentary on the Old Testament). Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1990.

JEWET, P. K. *The Lord's Day: a theological guide to the Christian day of worship*. Grand Rapids: Eerdmans, 1971.

KAISER JR., W. C. *Introdução à Hermenêutica Bíblica*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

KAISER JR., W. C. *The Uses of the Old Testament in the New*. Chicago: Moody Press, 1985.

KEENER, C. *The IVP Bible Background Commentary: New Testament*. 2. ed. Downers Grove: InterVarsity Press, 2014.

KLINK III, E. W. *John: Zondervan Exegetical Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 2016.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os Segredos do Texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KÖSTENBERGER, A. J.; PATTERSON, R. D. *Convite à Interpretação Bíblica: a tríade hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KRISTEVA, J. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.



LADD, G. E. *Teologia do Novo Testamento*. Ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2000.

LEITE, P. A. B.; SOUZA, E. B. de. Intertextualidade bíblica em perspectiva: implicações e diretrizes de abordagem. *Kerygma*, Engenheiro Coelho (SP), v. 18, n. 1, p. e1372, 2023.

LOTMAN, I. M. *La Semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, 1996.

MARSHALL, I. H. *Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MOYISE, S. *The Old Testament in the New: an introduction*. London: Continuum International Publishing Group, 2001.

MOYISE, S. *The Old Testament in the New: an introduction*. 2. ed. rev. and expanded. Sydney: T&T Clark, 2015.

OLIVEIRA, T. C. *Os Bezerros de Arão e Jeroboão: uma verificação da relação intertextual entre Ex 32,1-6 e 1 Rs 12,26-33*. 2010. Tese (Doutorado em Teologia) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

OMANSON, R. L. *Variantes Textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OROPEZA, B. J.; MOYISE, S. (ed.). *Exploring Intertextuality*. Eugene: Cascade Books, 2016.

PAULIEN, Jon K. *Allusions, Exegetical Method, and the Interpretation of Revelation 8:7-12*. Tese (Doutorado em Teologia) — Andrews University, Berrien Springs, MI, 1987.

PAULIEN, J. *Juan*. La Biblia Amplificada. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2001.

PAULIEN, J. New Testament use of the Old Testament. In: COLE, H. R.; PETERSEN, P. B. (ed.). *Hermeneutics: intertextuality and the contemporary meaning of Scripture*. Adelaide: Avondale Academic Press, 2014. p. 29-49.



PAULIEN, J. The Sabbath in the Gospel of John. In: MULLER, E.; EIKE, M. (ed.). *The Sabbath in the New Testament and in Theology: implications for Christians in the twenty-first century*. Silver Springs: Review and Herald Academics, 2023. E-book.

RUEDA NETO, E. *O Uso do Antigo Testamento em 1 Pedro e Suas Implicações teológicas*. 2024. Tese (Doutorado em Teologia) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

SCHEETZ, J. M. *The Concept of Canonical Intertextuality and the Book of Daniel*. Cambridge: James Clarke and Company, 2012.

THIELMAN, F. *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

WRIGHT, N. T. *O Novo Testamento em Seu Mundo: uma introdução à história, à literatura e à teologia dos primeiros cristãos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.